



B1

ISSN: 2595-1661

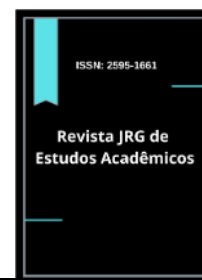
ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



A importância da enfermagem no cuidado paliativo e sua abordagem desde a graduação

The importance of nursing in palliative care and its approach since graduation

DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1719

ARK: 57118/JRG.v7i15.1719

Recebido: 26/11/2024 | Aceito: 03/11/2024 | Publicado *on-line*: 04/12/2024

Claudeany Almeida Silva Lima¹

<https://orcid.org/0009-0001-2654-8512>

<http://lattes.cnpq.br/0025591571483075>

Centro Universitário Mario Pontes Jucá- UMJ, AL, Brasil

E-mail: Almeidaclaudeany32@gmail.com

Eulália Maria Silva do Espírito Santo²

<https://orcid.org/0009-0004-3618-3061>

<https://lattes.cnpq.br/5932944526366699>

Centro Universitário Mario Pontes Jucá- UMJ, AL, Brasil

E-mail: eulismaria@hotmail.com

Jayran de Souza Almeida³

<https://orcid.org/0009-0000-3902-4307>

<http://lattes.cnpq.br/3687501812821882>

Centro Universitário Mário Pontes Jucá, AL, Brasil

E-mail: jayran.almeida@gmail.com



Resumo

Os cuidados paliativos são uma abordagem integral que visa proporcionar conforto e qualidade de vida a pacientes com doenças graves e sem possibilidade de cura. No Brasil, a Política Nacional de Cuidados Paliativos (PNCP) estabelece diretrizes para a implementação dessa prática no Sistema Único de Saúde (SUS), com ênfase na formação de equipes multidisciplinares qualificadas. No entanto, a literatura aponta lacunas significativas na formação acadêmica dos profissionais de enfermagem, especialmente em relação à preparação para atuar nos cuidados paliativos. Este estudo investiga as percepções de estudantes e profissionais de enfermagem sobre sua formação em cuidados paliativos, destacando a insuficiência de conteúdo teórico e a falta de experiências práticas nos currículos de graduação. A pesquisa também discute o papel do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) na regulamentação da prática e as implicações das normativas como a Resolução COFEN nº 389/2011 e a Portaria nº 2.930/2011. A conclusão aponta para a necessidade de uma abordagem mais integrada e interdisciplinar, com a inclusão de cuidados paliativos nos currículos e a promoção de formação continuada, além de destacar a importância de políticas públicas que incentivem a implementação de equipes multidisciplinares.

¹ Graduando(a) em Enfermagem pelo Centro Universitário Mário Pontes Jucá

² Graduando(a) em Enfermagem pelo Centro Universitário Mário Pontes Jucá

³ Graduado em 2006, Mestre em 2014

Palavras-chave: Cuidados paliativos, enfermagem, formação acadêmica, políticas de saúde, equipes multidisciplinares.

Abstract

Palliative care is a comprehensive approach aimed at providing comfort and improving the quality of life for patients with severe, incurable diseases. In Brazil, the National Policy for Palliative Care (PNCP) provides guidelines for implementing this practice within the Unified Health System (SUS), emphasizing the need for well-trained multidisciplinary teams. However, literature identifies significant gaps in the academic training of nursing professionals, particularly regarding preparedness for palliative care. This study investigates nursing students' and professionals' perceptions of their palliative care education, highlighting the insufficiency of theoretical content and the lack of practical experience in undergraduate curricula. The research also discusses the role of the Federal Nursing Council (COFEN) in regulating the practice and the implications of regulations such as COFEN Resolution No. 389/2011 and Ordinance No. 2,930/2011. The conclusion points to the need for a more integrated and interdisciplinary approach, including palliative care in curricula and promoting continuous education, as well as highlighting the importance of public policies that encourage the implementation of multidisciplinary teams.

Keywords: *Palliative care, nursing, academic training, health policies, multidisciplinary teams.*

1. Introdução

O cuidado paliativo é uma abordagem fundamental na assistência à saúde, voltada para a melhoria da qualidade de vida de pacientes e familiares que enfrentam doenças graves ou terminais (Araújo et al., 2022). Essa prática requer uma atuação sensível e humanizada, características intrínsecas ao exercício da enfermagem. No Brasil, observa-se um aumento expressivo na demanda por cuidados paliativos devido ao envelhecimento populacional e à prevalência de doenças crônicas (Junior et al., 2022). Contudo, muitos profissionais de enfermagem relatam insegurança ou insuficiência de conhecimentos nessa área, evidenciando uma lacuna na formação oferecida durante a graduação (Albuquerque et al., 2020).

A formação de profissionais de enfermagem em cuidados paliativos apresenta desafios significativos. Estudos mostram que, apesar da relevância do tema, ele é tratado de forma insuficiente na maioria dos currículos acadêmicos (Mazur et al., 2019). Como resultado, os enfermeiros enfrentam dificuldades para lidar com questões éticas, emocionais e técnicas relacionadas ao cuidado de pacientes em fase terminal (Fontana et al., 2018). Essa realidade compromete a qualidade do atendimento, especialmente no que diz respeito ao alívio do sofrimento e à oferta de suporte emocional aos pacientes e suas famílias (Moreira, 2018). Dessa forma, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: como a abordagem dos cuidados paliativos na graduação em enfermagem pode impactar a qualidade do atendimento prestado aos pacientes?

O estudo é relevante tanto para o campo acadêmico quanto para a prática profissional. Teoricamente, ele contribui para o avanço do conhecimento sobre o preparo dos futuros enfermeiros para lidar com situações complexas e desafiadoras, como o atendimento a pacientes terminais (Mazur et al., 2019). Na prática, a pesquisa pode subsidiar a elaboração de diretrizes pedagógicas para currículos mais alinhados às necessidades reais do mercado de trabalho e dos pacientes (Carvalho et al., 2020).

Socialmente, uma formação mais robusta em cuidados paliativos tem o potencial de promover maior dignidade no atendimento, melhorando a experiência dos pacientes e suas famílias, especialmente em contextos vulneráveis (Santos et al., 2019).

O presente estudo tem como objetivo geral analisar a importância da abordagem dos cuidados paliativos na graduação em enfermagem para a melhoria do cuidado ao paciente em fase terminal. Para atingir esse objetivo, busca-se especificamente identificar a percepção de estudantes de enfermagem sobre cuidados paliativos (Albuquerque et al., 2020), mapear os principais desafios enfrentados na formação de profissionais nessa área (Mazur et al., 2019) e propor diretrizes para aprimorar a abordagem dos cuidados paliativos nos currículos acadêmicos (Carvalho et al., 2020).

A metodologia adotada para esta pesquisa será de natureza qualitativa, com base em revisão bibliográfica de estudos publicados entre 2018 e 2023. Serão analisados artigos científicos, livros e documentos normativos sobre cuidados paliativos e a formação em enfermagem, como os trabalhos de Moreira (2018) e Silva et al. (2021). A questão norteadora dessa pesquisa é a seguinte: "De que maneira a abordagem dos cuidados paliativos na formação acadêmica dos enfermeiros contribui para a qualidade do atendimento prestado aos pacientes em fase terminal?"

2. Metodologia

O presente estudo utiliza uma metodologia de natureza descritiva, com abordagem qualitativa, realizada por meio de uma revisão narrativa da literatura. Essa metodologia foi escolhida devido à sua capacidade de explorar o conhecimento existente sobre a temática dos cuidados paliativos e a formação acadêmica em enfermagem, identificando lacunas e diretrizes que possam orientar práticas futuras. A pesquisa, de caráter exploratório, tem como foco principal a produção científica publicada entre 2018 e 2023, período que coincide com uma intensificação das discussões sobre a humanização no atendimento à saúde e a inclusão dos cuidados paliativos nos currículos de graduação em enfermagem no Brasil.

O objeto de estudo está delimitado à formação acadêmica em enfermagem, com ênfase na abordagem dos cuidados paliativos e na qualidade do atendimento aos pacientes em fase terminal. O recorte temporal busca refletir os avanços mais recentes no tema, enquanto o recorte geográfico está centrado no contexto brasileiro, onde a prática dos cuidados paliativos tem se mostrado cada vez mais relevante devido às mudanças demográficas e à prevalência de doenças crônicas.

As fontes de dados utilizadas incluem artigos científicos indexados em bases reconhecidas, como Scielo, PubMed e Lilacs, bem como livros e documentos normativos relevantes, como diretrizes curriculares nacionais e posicionamentos oficiais do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Foram utilizados critérios rigorosos para a seleção dos materiais, priorizando documentos que abordassem diretamente o tema, estivessem alinhados à questão norteadora da pesquisa e fossem publicados em português ou inglês.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma busca sistemática nas bases mencionadas, utilizando descritores como "cuidados paliativos", "formação em enfermagem", "educação em saúde" e "humanização no atendimento". Após a coleta, os materiais foram organizados e analisados em categorias temáticas, permitindo a identificação de padrões, lacunas e sugestões para a melhoria da formação em enfermagem. As categorias estabelecidas incluíram tópicos como lacunas na formação acadêmica, percepção de estudantes e profissionais sobre cuidados paliativos e propostas para a inclusão mais efetiva dessa temática nos currículos acadêmicos.

A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, permitindo uma síntese das principais contribuições identificadas na literatura. Essa técnica possibilitou a categorização e interpretação das informações, alinhando os achados aos objetivos do estudo e à questão norteadora. Apesar das contribuições identificadas, a pesquisa apresenta algumas limitações, como a dependência de fontes secundárias, que restringem a análise a perspectivas já consolidadas na literatura, e a exclusão de documentos em idiomas diferentes dos previamente delimitados.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica, não houve coleta de dados diretamente de sujeitos humanos, eliminando a necessidade de aprovação em comitê de ética. Contudo, o estudo respeitou os princípios éticos acadêmicos, assegurando a correta citação e utilização das fontes consultadas. Dessa forma, a metodologia adotada oferece uma visão abrangente e crítica sobre o estado atual do conhecimento acerca da abordagem dos cuidados paliativos na formação em enfermagem, contribuindo para reflexões teóricas e práticas que podem impactar diretamente a qualidade do cuidado prestado aos pacientes.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Os cuidados paliativos

Os cuidados paliativos são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma abordagem destinada a promover a qualidade de vida de pacientes e seus familiares diante de doenças que ameacem a continuidade da vida. Essa abordagem é realizada por meio da prevenção e alívio do sofrimento, com foco no manejo integral da dor e de outros sintomas físicos, além de questões psicossociais e espirituais (OMS, 2002). Em essência, os cuidados paliativos não objetivam a cura da doença, mas a promoção do conforto e da dignidade do paciente, oferecendo suporte para que ele viva de maneira plena até o momento de sua morte.

Uma das principais características dessa prática é o reconhecimento da complexidade das necessidades de saúde em contextos de doenças crônicas ou terminais. Os cuidados paliativos se destacam por sua perspectiva interdisciplinar, envolvendo uma equipe multiprofissional composta por médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, fisioterapeutas, capelães e outros profissionais, cujo objetivo é tratar o paciente como um todo, indo além do aspecto biológico da doença (Silva et al., 2021). Essa abordagem holística integra o controle de sintomas físicos, como dor, náuseas, fadiga e dispneia, com intervenções voltadas para o suporte emocional, social e espiritual.

Do ponto de vista acadêmico, os cuidados paliativos também se fundamentam em princípios éticos, como o respeito à autonomia do paciente, à sua dignidade e à valorização de suas escolhas. Nesse contexto, a comunicação clara e humanizada entre os profissionais de saúde, os pacientes e suas famílias é um elemento essencial para a construção de um plano de cuidados que seja sensível às necessidades e expectativas de todos os envolvidos (Moreira, 2018). Ademais, a prática paliativa considera a morte como um processo natural, procurando evitar intervenções que prolonguem desnecessariamente o sofrimento ou que contrariem os desejos do paciente.

Outra característica central dos cuidados paliativos é sua aplicabilidade em qualquer estágio de uma doença crônica ou terminal. Embora comumente associados ao fim da vida, os cuidados paliativos podem ser iniciados desde o diagnóstico da enfermidade, concomitantemente a tratamentos curativos, promovendo uma transição

mais integrada e menos abrupta entre as diferentes fases do cuidado (Carvalho et al., 2020). Essa flexibilidade reforça a relevância dessa abordagem em um cenário de saúde cada vez mais caracterizado pelo aumento da longevidade e pela prevalência de doenças crônicas não transmissíveis.

Assim, os cuidados paliativos transcendem o modelo biomédico tradicional, inserindo-se em uma perspectiva ampliada de saúde que prioriza o bem-estar global do indivíduo. Eles representam uma resposta ética e técnica às limitações da medicina curativa, reafirmando a centralidade do cuidado integral e humanizado em contextos de grande vulnerabilidade. A implementação e ampliação dessa prática nos sistemas de saúde, bem como a sua integração na formação de profissionais, tornam-se fundamentais para assegurar um atendimento que respeite a complexidade e a dignidade da experiência humana diante da finitude da vida.

O presente estudo, fundamentado na análise da literatura científica, revelou resultados que podem ser sintetizados em três categorias principais: lacunas na formação acadêmica, percepção de estudantes e profissionais sobre cuidados paliativos e propostas para inclusão de cuidados paliativos nos currículos acadêmicos de enfermagem. Essas categorias não apenas evidenciam os desafios enfrentados pela educação em enfermagem no que se refere à formação para o cuidado paliativo, mas também apontam caminhos para superar essas dificuldades, visando à construção de um cuidado mais humanizado e integral.

3.2 Lacunas na Formação Acadêmica

Os resultados encontrados ao longo desta pesquisa destacam uma lacuna estrutural significativa na formação acadêmica dos enfermeiros no que diz respeito à abordagem dos cuidados paliativos. Essa ausência reflete uma característica ainda predominante nos currículos de graduação em enfermagem, que priorizam a formação técnica e hospitalocêntrica, relegando a segundo plano a formação humanística e integral que deveria sustentar práticas como a paliativa. Esse problema, apontado por autores como Mazur et al. (2019) e Fontana et al. (2018), não é apenas uma questão pedagógica; trata-se de um reflexo de modelos educacionais arraigados em um paradigma biomédico tradicional, que vê a doença como um problema a ser solucionado, ignorando a complexidade das necessidades humanas em situações de vulnerabilidade, como as enfrentadas em contextos paliativos.

A ausência de uma abordagem consistente dos cuidados paliativos nos currículos acadêmicos limita severamente a formação dos futuros profissionais de enfermagem. Quando o tema é tratado, frequentemente ocorre de maneira fragmentada e teórica, restrita a disciplinas mais amplas, como ética ou saúde coletiva, sem conexão clara com a prática. Essa fragmentação, como argumenta Silva et al. (2021), impossibilita que os alunos compreendam a real dimensão dos cuidados paliativos como parte integrante de uma assistência integral à saúde. Ao negligenciar essa abordagem, os currículos deixam de preparar os enfermeiros para lidar com as demandas específicas de pacientes em condições de sofrimento ou terminalidade, comprometendo a qualidade do cuidado oferecido.

Essa lacuna torna-se ainda mais preocupante quando analisada à luz das transformações demográficas e epidemiológicas que caracterizam o cenário contemporâneo da saúde no Brasil e no mundo. Como destaca Moreira (2018), o envelhecimento populacional, aliado ao aumento da prevalência de doenças crônicas não transmissíveis, tem ampliado significativamente a demanda por cuidados paliativos. Em um contexto onde a cura muitas vezes não é mais possível, a atenção

se volta para a promoção da qualidade de vida e o alívio do sofrimento. Nesse sentido, a formação insuficiente compromete a capacidade dos enfermeiros de atender às necessidades desses pacientes, que vão além de intervenções técnicas, exigindo também sensibilidade ética e emocional.

Outro aspecto crítico identificado na literatura é a ausência de experiências práticas voltadas para os cuidados paliativos durante a graduação. A teoria, por si só, não é capaz de formar profissionais aptos a enfrentar a complexidade das situações reais, especialmente no manejo de pacientes em fase terminal e suas famílias. Como observado por Silva et al. (2021), a formação prática, supervisionada e contextualizada, é essencial para desenvolver competências como o manejo da dor, a comunicação sensível e o suporte emocional. No entanto, a restrição do tema a discussões teóricas impede que os estudantes adquiram as habilidades necessárias para atuar com confiança e segurança. Esse despreparo não apenas compromete a qualidade do cuidado prestado, mas também pode levar os próprios enfermeiros a desenvolverem sentimentos de inadequação e esgotamento emocional, como apontado por Fontana et al. (2018).

O impacto do despreparo acadêmico transcende o ambiente hospitalar e tem implicações ainda mais amplas para a saúde pública. Muitos currículos restringem a prática paliativa ao ambiente hospitalar, ignorando sua aplicabilidade em contextos como atenção primária, saúde domiciliar e cuidados comunitários. Essa visão limitada reforça um modelo centrado na doença, incompatível com a proposta holística dos cuidados paliativos, que busca atender às dimensões físicas, emocionais, sociais e espirituais do paciente. Além disso, ao não reconhecer o potencial dos cuidados paliativos em cenários fora do hospital, as instituições de ensino deixam de formar profissionais preparados para atuar em contextos que representam grande parte das demandas do sistema de saúde brasileiro.

Essa limitação curricular também se reflete na dificuldade dos profissionais de enfermagem em adotar uma prática interdisciplinar, essencial para o sucesso dos cuidados paliativos. A formação em enfermagem, ao não enfatizar a colaboração interprofissional, dificulta a integração dos enfermeiros em equipes multidisciplinares, o que pode comprometer a qualidade do cuidado. Como destaca Carvalho et al. (2020), a ausência de experiências educacionais que promovam o trabalho em equipe perpetua a fragmentação dos serviços de saúde, dificultando a implementação de estratégias integradas e eficazes de cuidado.

Essa abordagem fragmentada e insuficiente reflete uma concepção reducionista da formação em enfermagem, que ainda privilegia uma perspectiva técnico-biológica em detrimento de uma visão humanística e integral. Isso perpetua uma lógica de desumanização, especialmente em contextos em que a vulnerabilidade e a terminalidade deveriam ser abordadas com sensibilidade ética e empatia. Nesse sentido, os currículos que não integram os cuidados paliativos de maneira consistente e prática estão, de forma implícita, reforçando uma lacuna de formação que compromete tanto a saúde dos pacientes quanto o bem-estar dos próprios profissionais.

Portanto, a ausência de uma abordagem estruturada e prática dos cuidados paliativos nos currículos acadêmicos de enfermagem é uma questão que exige atenção urgente. Essa lacuna não é apenas um problema pedagógico, mas também um obstáculo ético e social, que impede a formação de enfermeiros capazes de atuar de maneira plena e eficaz em contextos de alta complexidade emocional e técnica. Diante disso, torna-se indispensável que as instituições de ensino superior revisem suas diretrizes curriculares, integrando os cuidados paliativos como um eixo central

da formação em enfermagem, para que os futuros profissionais estejam verdadeiramente preparados para enfrentar as demandas de uma sociedade que busca, cada vez mais, a humanização e a integralidade do cuidado em saúde.

3.3 Percepção de Estudantes e Profissionais

A percepção de estudantes e profissionais de enfermagem acerca dos cuidados paliativos evidencia de forma contundente as lacunas presentes na formação acadêmica. A maioria dos estudantes relata que o conteúdo ministrado sobre o tema durante a graduação é insuficiente, o que gera sentimento de insegurança e despreparo ao serem confrontados com situações que envolvem o cuidado a pacientes terminais, refletindo uma desconexão significativa entre a formação acadêmica e as demandas reais do mercado de trabalho na área da saúde (Albuquerque et al., 2020).

Profissionais de enfermagem que atuam em contextos que exigem cuidados paliativos confirmam essa percepção, reconhecendo que a formação recebida durante a graduação não foi suficiente para prepará-los para lidar com as complexidades inerentes a essa prática. Dificuldades são apontadas em aspectos cruciais como a comunicação eficaz com pacientes e familiares, o manejo do sofrimento e a abordagem de questões éticas relacionadas ao final da vida (Moreira, 2018). A falta de preparo acadêmico pode resultar em práticas de cuidado desumanizadas, além de contribuir para o esgotamento emocional dos profissionais, que frequentemente se sentem sobrecarregados e desamparados diante das demandas intensas do cuidado paliativo (Fontana et al., 2018).

A experiência prática é considerada por muitos profissionais como essencial para o desenvolvimento de competências em cuidados paliativos. Embora reconheçam o valor da formação teórica, enfatizam que o aprendizado prático, especialmente por meio de estágios supervisionados em serviços especializados, é fundamental para que os estudantes adquiram as habilidades técnicas e emocionais necessárias para a prática efetiva (Carvalho et al., 2020). A ausência de oportunidades práticas durante a graduação limita esse aprendizado, reforçando a sensação de despreparo dos enfermeiros ao ingressarem no mercado de trabalho.

Adicionalmente, observa-se que muitos estudantes e profissionais possuem uma visão restrita sobre o papel dos cuidados paliativos, frequentemente associando-os exclusivamente ao manejo de pacientes em estágio terminal de doenças oncológicas. Essa percepção limitada ignora a ampla aplicabilidade dos cuidados paliativos em outros contextos, como no tratamento de doenças crônicas não transmissíveis, em cuidados pediátricos e na saúde mental (Junior et al., 2022). Tal limitação de perspectiva reflete, em grande medida, a formação acadêmica inadequada, que não enfatiza a natureza interdisciplinar e holística dos cuidados paliativos.

A formação acadêmica que não aborda adequadamente os cuidados paliativos contribui para a manutenção de práticas de enfermagem centradas unicamente em procedimentos técnicos, sem a devida atenção às necessidades emocionais e espirituais dos pacientes. Araújo et al. (2022) destacam a importância do conhecimento dos profissionais de enfermagem na prevenção e manejo de situações críticas, enfatizando que a falta de preparo pode levar a desfechos desfavoráveis. Além disso, a ausência de uma cultura de segurança e de processos comunicativos eficientes entre os membros da equipe de enfermagem pode agravar essa situação. Marques et al. (2019) enfatizam que a comunicação efetiva é essencial para a

prestação de cuidados de qualidade, especialmente em contextos que envolvem sofrimento e terminalidade.

A falta de preparação adequada para lidar com pacientes em cuidados paliativos também pode gerar estresse significativo nos profissionais. Fontana et al. (2018) apontam que agentes estressores no cotidiano do estudante de enfermagem incluem a exposição a situações de sofrimento e morte, para as quais não se sentem devidamente preparados. Esse estresse pode persistir na prática profissional, afetando a saúde mental dos enfermeiros e a qualidade dos cuidados prestados.

A implementação de parcerias e programas de apoio à formação continuada em enfermagem, como a colaboração CAPES/COFEN, surge como uma estratégia para suprir essas lacunas formativas (Carvalho et al., 2020; Colaboração CAPES/COFEN, 2020). Tais iniciativas visam fortalecer a formação dos profissionais, oferecendo oportunidades de aperfeiçoamento que incluem temáticas como os cuidados paliativos. Repensar a formação dos profissionais de enfermagem é fundamental, conforme argumentado por Mazur et al. (2019), que defendem uma perspectiva que inclua uma revisão sistemática das melhores práticas educacionais. A inclusão de conteúdos relacionados aos cuidados paliativos de forma integrada e prática pode contribuir para uma formação mais completa e alinhada às necessidades atuais da população.

A gestão eficaz dos enfermeiros em contextos complexos, como hospitais pediátricos de nível terciário, requer uma perspectiva multiprofissional e uma formação sólida que inclua habilidades de comunicação e manejo de situações críticas (Silva et al., 2021). Sem essa formação, os profissionais podem enfrentar desafios significativos ao prestar cuidados a pacientes em situações de alta vulnerabilidade. Além disso, a exposição das equipes de enfermagem a riscos ocupacionais, como aqueles causados por resíduos biológicos, pode ser exacerbada pela falta de treinamento adequado, afetando não apenas a segurança do paciente, mas também a do próprio profissional (Faray et al., 2020).

A importância da formação em cuidados paliativos também se estende ao contexto da atenção básica e da saúde comunitária. Silva (2019) ressalta que o enfermeiro e a equipe de enfermagem são essenciais no atendimento a populações com necessidades específicas, como deficientes auditivos, evidenciando a necessidade de competências comunicativas e humanísticas que são igualmente relevantes nos cuidados paliativos.

Em suma, a percepção de estudantes e profissionais de enfermagem evidencia a necessidade urgente de melhorias na formação acadêmica em relação aos cuidados paliativos. A inclusão de experiências práticas, o fortalecimento de competências comunicativas e éticas, e o reconhecimento da amplitude dos cuidados paliativos são fundamentais para preparar enfermeiros capazes de oferecer um cuidado integral e humanizado. A revisão e atualização dos currículos acadêmicos, aliadas a programas de formação continuada, podem contribuir significativamente para suprir as lacunas identificadas e atender às demandas crescentes da sociedade por cuidados de saúde que valorizem a dignidade e a qualidade de vida dos pacientes.

3.4 O Papel do COFEN e da Equipe Multidisciplinar nos Cuidados Paliativos: Perspectivas Normativas e Práticas

Os cuidados paliativos são reconhecidos como um direito fundamental no contexto da saúde, conforme estabelecido pela Política Nacional de Cuidados Paliativos (PNCP), regulamentada pela Portaria nº 2.930, de 28 de novembro de 2011,

que orienta a implementação dessa prática no Sistema Único de Saúde (SUS). Essa portaria enfatiza a necessidade de equipes multidisciplinares capacitadas para atender de forma integral às demandas dos pacientes, considerando aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais. Nesse cenário, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) se faz imprescindível na normatização da atuação do enfermeiro em cuidados paliativos, assegurando que essa prática seja exercida com qualidade e respeito à dignidade do paciente.

O COFEN, por meio da Resolução COFEN nº 389/2011, estabelece que o enfermeiro tem competência para implementar e coordenar os cuidados paliativos em todos os níveis de atenção à saúde. Essa resolução reforça a importância do papel do enfermeiro na avaliação das necessidades do paciente, no manejo de sintomas e na coordenação do cuidado em equipe multidisciplinar. A normativa também enfatiza que os enfermeiros devem atuar com base em princípios éticos, respeitando a autonomia do paciente e promovendo uma comunicação eficaz entre todos os envolvidos no processo de cuidado.

Adicionalmente, a Resolução COFEN nº 648/2020 regulamenta as ações de enfermagem em serviços de atenção domiciliar, ampliando o escopo de atuação dos profissionais em contextos paliativos, especialmente na assistência domiciliar. Essa resolução destaca a importância de ações interdisciplinares, articuladas com a rede de atenção à saúde, garantindo a continuidade do cuidado e a integralidade das intervenções. Essa normativa é especialmente relevante no contexto dos cuidados paliativos, que frequentemente envolvem a atenção domiciliar como estratégia para oferecer conforto e suporte emocional aos pacientes e suas famílias.

Outro ponto importante diz respeito à formação dos profissionais. O COFEN, em parceria com a CAPES, tem promovido programas de formação continuada para enfermeiros, com ênfase em áreas críticas, como os cuidados paliativos. A Colaboração CAPES/COFEN, mencionada em iniciativas recentes, busca alinhar a formação dos enfermeiros às demandas do mercado de trabalho e às necessidades dos pacientes, promovendo a qualificação técnica e ética dos profissionais (Carvalho et al., 2020).

Os cuidados paliativos são, por definição, uma prática interdisciplinar, exigindo a integração de diferentes áreas do conhecimento para atender às necessidades multifacetadas dos pacientes. A equipe multidisciplinar, conforme preconizado pela Política Nacional de Humanização (PNH), instituída pela Portaria nº 1.820/2009, deve atuar de forma colaborativa, garantindo que as intervenções sejam planejadas e executadas com base em um modelo centrado no paciente.

No contexto dos cuidados paliativos, a composição da equipe multidisciplinar inclui enfermeiros, médicos, psicólogos, assistentes sociais, fisioterapeutas, farmacêuticos, capelães e outros profissionais que possam contribuir para a qualidade de vida do paciente. Cada membro da equipe exerce uma tarefa em específico, sendo que o enfermeiro ocupa um lugar central na coordenação do cuidado. A Lei nº 7.498/1986, que regulamenta o exercício profissional da enfermagem no Brasil, atribui ao enfermeiro a responsabilidade de planejar, organizar, supervisionar e avaliar as ações de enfermagem, o que inclui sua atuação em cuidados paliativos (Brasil, 1986).

Essa integração interdisciplinar permite uma abordagem mais completa, capaz de responder às necessidades físicas, emocionais, sociais e espirituais dos pacientes. Por exemplo, o médico é responsável pelo manejo clínico e pelo planejamento terapêutico, enquanto o psicólogo oferece suporte emocional para pacientes e familiares, e o assistente social trabalha na mediação de questões sociais e no fortalecimento da rede de apoio. O capelão, por sua vez, atende às demandas

espirituais, contribuindo para que o paciente encontre conforto em suas crenças e valores. O enfermeiro, além de coordenar essas ações, faz-se essencial no manejo de sintomas, na comunicação com a família e na execução das intervenções planejadas pela equipe.

Apesar do reconhecimento normativo e prático da importância da equipe multidisciplinar nos cuidados paliativos, a implementação dessa abordagem enfrenta desafios significativos. Um dos principais entraves é a falta de preparo acadêmico para atuar de forma interdisciplinar. Muitos currículos de graduação em enfermagem ainda são estruturados de maneira isolada, com poucas oportunidades para a integração entre diferentes áreas da saúde. Isso limita a capacidade dos futuros enfermeiros de trabalhar em equipe, comprometendo a qualidade do cuidado prestado (Mazur et al., 2019).

A falta de regulamentação específica sobre a formação interdisciplinar no âmbito acadêmico é outro obstáculo. Embora o Decreto nº 94.406/1987, que regulamenta a Lei do Exercício Profissional da Enfermagem, reconheça a necessidade de um cuidado integrado, ele não aborda diretamente a formação interdisciplinar, o que deixa uma lacuna na preparação dos profissionais para atuar em equipes colaborativas. Além disso, o financiamento e a estruturação de equipes multidisciplinares nos serviços de saúde ainda são insuficientes, especialmente em regiões de maior vulnerabilidade, o que dificulta a implementação de modelos integrados de cuidado.

Apesar dos desafios, iniciativas como a Política Nacional de Cuidados Paliativos e as resoluções do COFEN têm contribuído para fortalecer a prática interdisciplinar e a qualificação dos profissionais de enfermagem. A inclusão de cuidados paliativos nos currículos de graduação e a oferta de programas de formação continuada são passos importantes para preparar os profissionais para atuar de forma colaborativa e ética. Além disso, a ampliação das políticas públicas de saúde voltadas para a humanização e a integralidade do cuidado, como preconizado pela Lei nº 8.080/1990, que regulamenta o SUS, pode impulsionar a implementação de equipes multidisciplinares e melhorar a qualidade do atendimento em cuidados paliativos.

O COFEN, por meio de regulamentações e parcerias estratégicas, faz-se importante na consolidação dos cuidados paliativos como uma prática essencial no âmbito da enfermagem. A atuação em equipes multidisciplinares, embora desafiadora, é indispensável para garantir um cuidado integral e centrado no paciente. A superação dos desafios relacionados à formação interdisciplinar e à implementação prática dessas equipes depende de esforços conjuntos entre instituições de ensino, órgãos reguladores e gestores de saúde, além do fortalecimento de políticas públicas que reconheçam os cuidados paliativos como uma prioridade no sistema de saúde.

3.5 Propostas para Inclusão nos Currículos Acadêmicos

Diante das lacunas identificadas, a revisão da literatura apresenta diversas propostas para a inclusão mais efetiva dos cuidados paliativos nos currículos acadêmicos de enfermagem. Uma das principais sugestões é a criação de disciplinas específicas voltadas para o tema, com conteúdos que abranjam não apenas os aspectos clínicos, mas também as dimensões éticas, emocionais e espirituais do cuidado paliativo (Moreira, 2018). Essas disciplinas devem ser estruturadas de forma interdisciplinar, envolvendo não apenas docentes de enfermagem, mas também profissionais de outras áreas, como psicologia, medicina e assistência social, para oferecer aos estudantes uma visão integrada e holística do cuidado.

Além disso, a literatura destaca a importância de ampliar as atividades práticas relacionadas aos cuidados paliativos durante a graduação. Santos et al. (2019) sugerem que os currículos devem incluir estágios supervisionados em unidades de cuidados paliativos, onde os estudantes possam vivenciar a prática profissional e desenvolver habilidades como comunicação sensível, manejo de sintomas e suporte emocional a pacientes e familiares. Essas experiências práticas são consideradas essenciais para preparar os futuros enfermeiros para os desafios do cuidado paliativo, permitindo que adquiram não apenas competências técnicas, mas também confiança e resiliência emocional.

Outra proposta amplamente discutida é a adoção de metodologias ativas de ensino, como estudos de caso, simulações realísticas e rodas de discussão. Essas metodologias permitem que os estudantes participem ativamente do processo de aprendizado, estimulando a reflexão crítica e a empatia em relação às demandas dos pacientes e suas famílias (Carvalho et al., 2020). Além disso, essas estratégias promovem um ambiente de aprendizado mais dinâmico e envolvente, que favorece a assimilação de conteúdos complexos e a aplicação prática do conhecimento adquirido.

A integração dos cuidados paliativos nos currículos também deve considerar as especificidades culturais e sociais do contexto brasileiro. Como destaca Moreira (2018), é fundamental que a formação acadêmica promova discussões sobre diversidade cultural, respeito às crenças religiosas e a importância da individualização do cuidado. Essa abordagem culturalmente sensível é especialmente relevante em um país como o Brasil, caracterizado por sua diversidade sociocultural e por desigualdades de acesso aos serviços de saúde.

Diante dos expostos, fica evidente que, os achados deste estudo reforçam a urgência de mudanças estruturais nos currículos de enfermagem, de forma a incluir os cuidados paliativos como um eixo central da formação acadêmica. A ausência de uma abordagem consistente sobre o tema compromete não apenas a qualidade do atendimento prestado, mas também o preparo emocional dos profissionais, que frequentemente se sentem despreparados para lidar com as demandas complexas do cuidado paliativo (Fontana et al., 2018). Ao mesmo tempo, a inclusão de cuidados paliativos nos currículos acadêmicos pode fortalecer o papel da enfermagem como um pilar essencial do cuidado integral, garantindo que os profissionais estejam aptos a oferecer suporte clínico, emocional e social a pacientes e suas famílias.

A implementação dessas mudanças, no entanto, exige esforços conjuntos entre instituições de ensino, gestores acadêmicos e órgãos reguladores, além de políticas públicas que incentivem a formação continuada na área. Como aponta Carvalho et al. (2020), é fundamental que as instituições de ensino reconheçam a importância dos cuidados paliativos e invistam na capacitação de seus docentes, na criação de parcerias com serviços especializados e na elaboração de currículos mais alinhados às demandas do mercado de trabalho e às necessidades da sociedade.

Além disso, é importante ressaltar que as mudanças propostas devem ser acompanhadas por estratégias de avaliação contínua, que permitam monitorar os impactos dessas alterações na formação dos estudantes e na prática profissional. Essa avaliação deve incluir indicadores quantitativos e qualitativos, como a satisfação dos estudantes, o desempenho em estágios práticos e a percepção dos profissionais sobre o impacto da formação em sua prática cotidiana.

4. Conclusão

Os cuidados paliativos representam uma prática essencial para o cuidado

integral e humanizado no contexto da saúde, destacando-se pela sua abordagem interdisciplinar e centrada nas necessidades físicas, emocionais, sociais e espirituais dos pacientes e suas famílias. Contudo, os achados deste estudo evidenciam lacunas significativas na formação acadêmica dos profissionais de enfermagem, incluindo a insuficiência de conteúdos específicos, a ausência de experiências práticas robustas e a falta de preparo para atuação em equipes multidisciplinares. Essas deficiências comprometem tanto a qualidade do atendimento quanto o bem-estar dos profissionais, que frequentemente enfrentam desafios para lidar com a complexidade das demandas de pacientes em condições de terminalidade.

O papel do COFEN nesse cenário é crucial, pois, por meio de suas resoluções e diretrizes, o conselho tem buscado assegurar uma formação mais qualificada e ética para os enfermeiros que atuam em cuidados paliativos. Iniciativas como a Resolução COFEN nº 389/2011, a Colaboração CAPES/COFEN e a inclusão de cuidados paliativos nos programas de formação continuada demonstram um esforço contínuo para alinhar a prática profissional às necessidades reais do sistema de saúde e às expectativas dos pacientes.

Adicionalmente, o modelo interdisciplinar dos cuidados paliativos, fundamentado em políticas públicas como a Portaria nº 2.930/2011 e a Política Nacional de Humanização (PNH), reforça a importância da atuação colaborativa entre diferentes áreas do conhecimento para a promoção de uma assistência integral. No entanto, a efetividade dessa abordagem ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de integração na formação acadêmica, a insuficiência de recursos nos serviços de saúde e a fragmentação das políticas públicas voltadas para essa prática.

Diante desse cenário, a revisão e atualização dos currículos de graduação em enfermagem são indispensáveis, com a inclusão de conteúdos teóricos e práticos sobre cuidados paliativos e o fortalecimento da formação interdisciplinar. Além disso, o incentivo à formação continuada, por meio de programas de especialização e capacitação, pode suprir lacunas existentes e preparar os profissionais para enfrentar os desafios impostos por essa área de atuação.

Por fim, a consolidação dos cuidados paliativos como um eixo estruturante da assistência em saúde requer o comprometimento de instituições de ensino, órgãos reguladores, gestores de saúde e formuladores de políticas públicas. Apenas por meio de esforços coordenados será possível superar as limitações atuais, garantindo que os cuidados paliativos sejam ofertados de maneira ética, qualificada e centrada no paciente, contribuindo para a promoção da dignidade e da qualidade de vida nos contextos de maior vulnerabilidade.

Referências

Araújo, C. A. F. de., Pereira, S. R. M., Paula, V. G. de., Oliveira, J. A. de., Andrade, K. B. S. de., Oliveira, N. V. D. de., Pimentel, D. F., & Araújo, V. E. F. de. (2022).

Avaliação do conhecimento dos profissionais de Enfermagem na prevenção da lesão por pressão na terapia intensiva. *Escola Anna Nery*, 26, e20210200. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0200>

ALBUQUERQUE, J. A. et al. Nursing students' perceptions of palliative care. *Revista Rene*, 2020. v. 21, e44033.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Portaria nº 2.930**, de 28 de novembro de 2011. Institui a Política Nacional de Cuidados Paliativos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 29 nov. 2011. Disponível em: <http://www.in.gov.br>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Resolução COFEN nº 389**, de 14 de junho de 2011. Dispõe sobre a atuação do enfermeiro na implementação e coordenação de cuidados paliativos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 jun. 2011. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br>. Acesso em: 29 nov. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Resolução COFEN nº 648**, de 4 de junho de 2020. Dispõe sobre as ações de enfermagem nos serviços de atenção domiciliar. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 94.406**, de 8 de junho de 1987. Regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da profissão de enfermagem. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 9 jun. 1987. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 7.498**, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre o exercício da profissão de enfermagem e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 jun. 1986. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Portaria nº 1.820**, de 13 de agosto de 2009. Institui a Política Nacional de Humanização no Sistema Único de Saúde. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 ago. 2009. Disponível em: <http://www.in.gov.br>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 8.080**, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, e organiza os serviços correspondentes. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 20 set. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 29 nov. 2024.

JUNIOR, E. S. A. et al. O processo de envelhecimento e o cuidado humanizado do idoso cardiopata. *ID On Line. Revista de Psicologia*, 2022. v. 16, n. 63, p. 1-7.

SILVA, B. F. et al. Gestão do enfermeiro em hospital pediátrico de nível terciário pela

perspectiva multiprofissional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2021. v. 74, n. 3, p. e74111.

MOREIRA, D. Paciente oncológico em fase terminal: cuidados paliativos como medida de conforto. *Revista Brasileira de Oncologia*, 2018. v. 9, n. 1, p. 32-38.

MAZUR, S. M. et al. Repensar a formação de professores de enfermagem: uma perspectiva a partir de uma revisão sistemática de literatura. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 2019. v. 20, n. 1, p. 28-36.

MARQUES, J. M. et al. Cultura de segurança e o processo de comunicação entre membros da equipe de enfermagem. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 2019. v. 87, n. 25, p. 219-225.

CARVALHO, D. B. et al. Parceria CAPES/COFEN: apoio a programas de mestrado profissional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020. v. 73, n. 2, p. e20171029.

FARAY, H. E. F. G. et al. Exposição das equipes de enfermagem aos riscos ocupacionais causados por resíduos biológicos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020. v. 24, n. 3, p. 264-267.

SANTOS, S. R. M. et al. Fluxograma de atendimento pré-exame. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 2019. v. 87, n. 16, p. 354-360.

JESUS, T. M. et al. A importância da higiene oral em pacientes com ventilação mecânica. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 2019. v. 87, n. Especial, p. 175-180.

LOURENÇO, Y. M. et al. Conhecimento dos profissionais de enfermagem quanto à realização do banho no recém-nascido. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 2019. v. 87, n. 16, p. 356-361.

SILVA, M. O enfermeiro e a equipe de enfermagem no atendimento a deficientes auditivos. *UNILUS Ensino e Pesquisa*, 2019. v. 16, n. 1, p. 209-215.

FONTANA, R. T. et al. Agentes estressores no cotidiano do formando de enfermagem. *Revista Brasileira de Saúde Mental*, 2018. v. 6, n. 2, p. 1083-1088.

COLLABORAÇÃO CAPES/COFEN. Suporte à formação continuada em enfermagem. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, 2020. v. 10, n. 7, p. 3176-3182.